

XAVIER, Beto. *Futebol no país da música*. 1ª ed. São Paulo: Panda Books, 2009, 275 p. (ilustrado).

Flávia Guia Carnevali

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Em tempo de Copa do Mundo, assistimos ao surgimento, nas prateleiras das livrarias, de inúmeras publicações que tratam da “maior paixão brasileira”: o futebol. Grande parte dessas publicações está nas seções dedicadas ao esporte ou educação física e, em sua maioria, são de autoria de jornalistas e diletantes. Em geral, a julgar pela capa (contrário aqui à máxima), são livros que pretendem estabelecer diferentes tipos de *ranking*: “Os onze maiores laterais do futebol brasileiro”, “Os onze maiores camisas 10 do futebol brasileiro”, “As melhores seleções brasileiras de todos os tempos”, e assim por diante.

Indo além da capa, mas começando por ela, o livro de Beto Xavier traz o instigante título *Futebol no país da música*.

Logo na apresentação, o autor se propõe a ir mais longe e a estabelecer as relações entre futebol e música, segundo ele “o que sabemos fazer de melhor” (p. 11). Beto Xavier é jornalista de formação, atuou no jornalismo esportivo, também foi apresentador de rádio, editor de TV e produtor de eventos culturais. Portanto, devido a suas atividades profissionais, além do gosto pessoal, esteve próximo dos dois universos que pretende relacionar: o futebol e a música.

O livro é a primeira publicação do autor e está dividido em vinte e uma seções ligeiras e ricamente ilustradas, intituladas com nomes de personagens marcantes da música (desde Pixinguinha e Ary Barroso até Chico Buarque e Skank) e do futebol (de Leônidas da Silva até Garrincha e Pelé).

Numa tentativa de “busca das origens” da confluência dos dois universos, o autor começa o livro procurando estabelecer as relações entre música e futebol

no casamento de Charles Miller (introdutor do futebol no Brasil) e a pianista Antonieta Telles Rudge, na seção intitulada “O primeiro casamento”.

Em “Futebol e música”, na abertura do livro, são apresentadas as bases nas quais a obra se sustenta e que serão repetidas ao longo das seções. Nela, o autor argumenta que as relações do futebol com a literatura são muito mais tardias se comparadas com a música. Segundo ele, esse diálogo da música com o futebol começa a ser mais frutífero a partir dos anos 1930 quando ambos passaram a ser culturas de massa. Isso porque, na passagem dos anos 20 para os anos 30 do século passado, quando as rádios se transformam no grande veículo de divulgação da música popular brasileira, o futebol começava a surgir como paixão nacional. Sendo assim, o rádio passava a ter, nas transmissões e programas esportivos, suas maiores audiências.

O autor justifica também a aproximação entre música e futebol pelo fato de ambos serem consumidos pelo mesmo público, terem as mesmas raízes sociais populares e serem ambos canais de ascensão social. Aliado a isso, a relação mais insistentemente apresentada (especialmente quando se trata do samba) está no fato de que tanto o futebol como o samba não serem originários do Brasil, mas se adaptarem muito bem ao clima brasileiro. Isso porque aqui ganharam uma boa dose de teor lúdico e de improviso personificado pelo músico que batuca na caixa de fósforos e pelo menino que chuta a bola de meia alterando a fixidez do futebol original inglês através do drible e da ginga.

O autor procurou explicação para essa originalidade na valorização da mestiçagem: “Música e futebol ingressavam de forma definitiva no imaginário popular, na primeira grande prova de que a formação mestiça de nosso povo poderia dar origem a uma formação única e permanentemente criativa no aspecto urbano” (p. 12).

Colocada dessa forma, essa afirmação parece conceder uma explicação raciológica das questões culturais, ou seja, a mistura de raças é que teria dado ao brasileiro a capacidade para um futebol e uma música originais. Além do que, o autor ignora que o “Brasil mestiço”, onde a música samba e também o futebol ocupam lugar de destaque como elemento definidor da nacionalidade, são “tradições inventadas” como chama atenção Hermano Vianna em *O mistério do samba*: “(...) seu aspecto de fato corriqueiro foi obviamente construído, como também acontece com acontecimentos narrados em mitos fundadores de todas as tradições”.¹

Essa valorização não chega a ser novidade, inclusive na historiografia. O problema é que o autor não relativiza essa posição afastando-se da reflexão his-

¹ VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar/UFRJ, 1995, p. 20.

tórica e sociológica. Esse afastamento fica claro na apresentação: “Se entrarmos no campo da história e da sociologia, o estreitamento entre as notas e os dribles dá origem a uma série de compromissos, teses e comparações (...)” (p. 11).

De fato, ele não entra nesse campo, deixando explícito o “descompromisso” do livro e, em consequência, o público a quem se dirige. O autor usa uma linguagem simples e direta, beirando o coloquial. Aliás, ele incorpora na linguagem o objeto retratado e usa com certo exagero o jargão futebolístico, dando ao livro um tom informal e informativo, mas não analítico. Compara, por exemplo, a “música total” dos Novos Baianos com a “Laranja Mecânica”, a seleção da Holanda do início dos anos 1970: “(...) todos defendiam e atacavam musicalmente, juntos, e ao mesmo tempo numa verdadeira comunidade” (p. 184). Ou ainda, quando fala das estratégias usadas por Chico Buarque para fugir dos “zagueiros censores” (p. 210): “Um pequeno toque de mestre para entrar na área congestionada” (p. 209).

Se o autor não promete uma análise “compromissada” com a história e a sociologia, de alguma maneira ele se propõe a estabelecer a relação entre música e futebol, e o leitor, ao avançar na leitura, logo percebe que essa relação é circunstancial. Analisadas as referências bibliográficas, especialmente as musicais, o autor baseia-se em coletâneas, biografias, enciclopédias e dicionários, obras que não dão o escopo necessário para uma reflexão mais aprofundada sobre o tema.

Nas últimas décadas, os estudos sobre manifestações populares, incluindo a música e o futebol, têm aumentado em quantidade e qualidade dentro das universidades. Em especial, o estudo da música popular tem sido usado para entender a história de setores pouco lembrados pela historiografia. Apesar do aumento das linhas de pesquisa que tratam da música popular urbana, ainda encontramos muitos estudos sobre esse tema restritos ao universo da crítica, realizados por jornalistas, dilettantes e amadores, distante das universidades e das investigações acadêmicas.²

O livro de Beto Xavier é exemplo disso. Se, por um lado, seu livro tem o mérito de organizar as fontes documentais musicais registrando-as, por outro, o tom jornalístico ignora que as canções são criações culturais carregadas de historicidade e que, por isso, não podem ser separadas dos movimentos sociais e históricos nos quais tiveram origem. O estudo da música exige cuidado, até pelo seu caráter imaterial e etéreo, com as etapas de criação, reprodução, formas de difusão e recepção.

² Sobre essa questão: MORAES, José Geraldo Vinci de. História e música: canção popular e conhecimento histórico. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 20, n. 39, 2000. Nesse artigo o autor discute as relações entre história, música e canção popular e suas perspectivas de pesquisa.

A falta de uma análise mais complexa envolvendo as relações entre música e futebol reflete-se, inclusive, na estrutura do livro: vinte e uma seções, o que confere apenas uma visão panorâmica de uma produção musical que independentemente do período histórico, é agrupada sob a justificativa de ter como tema ou fazer referência breve ao futebol. É o caso da seção intitulada “1 x 0 – Quando se passou a fazer música de futebol”, em que o autor faz uma listagem de músicas que trataram sobre o universo do futebol obedecendo ao critério de serem músicas instrumentais, colocando na mesma listagem músicos distantes no tempo como Pixinguinha e Yamandu Costa.

Apesar de constatar que na música instrumental o choro domina as composições inspiradas em temas futebolísticos, em nenhum momento aproxima os grupos de choro e o futebol como manifestações populares urbanas das quais participavam os excluídos da cidadania republicana, especialmente quando, a partir da década de 20 do século passado, o futebol passa a ser incorporado pelas massas populares urbanas e perde seu caráter elitista. De certa forma, esse futebol popularizado, assim como os músicos que lutavam pela profissionalização, ainda precária, mesmo com o advento do rádio, representavam grande parte da população pobre das grandes cidades brasileiras a viver na fronteira entre a ordem e a desordem.

Mas a relação que o livro estabelece entre música e futebol fica restrita a observações do tipo: “(...) essas atividades coletivas nos encantam, a ponto de no elogio a nossos atletas dizermos que jogam por música e instrumentistas que gingam tocando” (p. 27). Ou ainda: “No futebol, por competição, somos os melhores do mundo! Na música, temos uma das melhores riquezas do planeta” (p. 28).

Mesmo quando há a tentativa, pelo menos no título, de relacionar períodos históricos e suas respectivas produções musicais, como é o caso de “Anos 1970 – a música e a bola em rumos diferentes” e “1958 – bossa nova e futebol: o redescobrimento do Brasil”, o autor apenas considera a relação atávica de personagens que viveram o período e suas relações pessoais com o mundo da bola, recheando a seção sobre os “anos 70” com longos depoimentos de artistas como Belchior, Tom Zé, João Bosco e Milton Nascimento. Aliás, não há qualquer referência que informe ao leitor se os depoimentos são dados ao próprio autor ou se ele os recolhe em outras publicações ou na imprensa. Na seção dedicada à bossa nova, as expectativas de uma análise efetiva das relações entre música e futebol são frustradas pelo próprio autor: “Não se pode dizer que exista uma relação direta da bossa nova com o futebol, mas a ligação histórica entre o título mundial da seleção e a afirmação do movimento musical como ícone renovador da nossa cultura já estabelece uma saudável e feliz coincidência” (p. 139).

Por não estar comprometido com a análise historiográfica, o autor parece ignorar que mesmo as contingências merecem ser analisadas. Ainda que a paixão pelo futebol esteja ligada à curta duração histórica, não é possível ver como coincidência uma produção musical feita em pleno desenvolvimentismo do presidente Juscelino e não ligá-la ao processo de modernização pelo qual o país passava. A bossa nova refletia na música, incorporando as vanguardas musicais, a ansiedade por fazer do Brasil um país moderno. Assim como o futebol, como diz José Miguel Wisnik, ao se referir as atuações de Pelé e Garrincha na Copa de 1958: “(...) são a prefiguração estonteante de um novo mundo de possibilidades – um jamais visto – que se abria para o futebol.”³ Wisnik vai mais longe dizendo que o gol de um Pelé quase pueril na final contra a Suécia representava o desabrochar não apenas de uma seleção que viria a ser pentacampeã, mas também de um país que poderia enfrentar os percalços da modernização. Um gol revelador das potencialidades de uma nação e de uma cultura.

Em outras seções, os temas são repetitivos como é o caso de “Samba e futebol: divino casamento” e “Samba, futebol e malandragem” em que o autor insiste numa espécie de casamento catártico entre samba e futebol a explicar o mito da alegria permanente do brasileiro, retomando a ideia dos primeiros viajantes que diziam que “do lado de baixo do Equador não há pecado”. Um ambiente paradisíaco em que não pode haver tristeza a reforçar o estereótipo do país do carnaval e do futebol: “Futebol e carnaval – é samba no pé e bola no chão. Coisas nossas, muito nossas. São pernas se entrecruzando no espaço sem ferir a ginga ou maltratar a bola. A liga futebol e carnaval é malabarismo, agilidade, equilíbrio, movimento. É gol de letra. É gol de música. É alegria (...) é a vida no país do futebol e do carnaval” (p. 38).

O que o livro apresenta está longe de ser uma análise sobre as relações entre duas manifestações populares de suma importância como a música e o futebol. Na verdade, ele traz uma série de listagens de músicas que abordam o futebol, divididas por seções temáticas (que podem ser clubísticas ou inspiradas em importantes personagens da música ou do futebol) permeadas por memórias afetivas de músicos acerca de suas relações com o futebol e seu clube de coração, algumas histórias curiosas e muitas fotos. O livro apresenta-se, portanto, como “preservador da memória” ou um “arquivo vivo de emoções” como diz o músico Moraes Moreira na contracapa. O autor escreve de maneira fragmentada,

³ WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 2008, p. 268.

buscando, através dos depoimentos, o registro da memória, sem se preocupar com o universo cultural em que essas canções foram produzidas.

Dessa forma, a relação futebol-música é sempre sincrônica, incidental e episódica, movida por relações pessoais. A música aparece quase sempre numa relação direta entre títulos e canção exaltação. Não parece haver, portanto, uma relação de mão dupla entre o futebol e a música. Há, na verdade, uma preeminência do futebol, que se revela na forma insistente com que os artistas são apresentados ao longo do livro, primeiro por sua filiação clubística: o “tricolor Chico Buarque”, o “corintiano Tom Zé”, o “vascaíno Aldir Blanc” e o “rubro negro João Bosco” só para ficar em poucos exemplos.

Por isso, não é o autor que constrói o livro. Como que para revestir a relação entre música e futebol de autenticidade, ele dá voz aos jogadores e músicos. São essas personagens que “vivem” nesses dois universos, as únicas capazes, através da prática memorialista, de construir e legitimar as relações entre futebol e música. Dessa forma, o autor fica quase invisível, são os depoimentos que constroem o discurso.

Dada a ausência de um olhar analítico sobre as canções, a linguagem fácil, a série de fotos que ilustram o livro, e a presença de algumas histórias interessantes sobre futebol, ele fica na categoria de livros de fruição fácil porque é escrito para um público não especializado e, sob esse ponto de vista, o livro é extremamente coerente.

Lançado, não por acaso, em ano de Copa do Mundo, a relação que estabelece entre música e futebol é puramente temática e superficial. A contribuição maior do livro fica no âmbito do esforço do autor em organizar o material musical e, talvez, instigar estudos acadêmicos que percorram e reconstruam o universo cultural de produção e difusão dessas canções, assim como o papel do futebol nesse mesmo universo. Estabelecendo entre futebol e música uma relação dialética poderemos aí sim revelar e reconstruir a visão de mundo que essas manifestações incorporavam e traduziam.

Recebido: 17/12/2010 – Aprovado: 24/05/2010